

## **FILIGRANASTRASCENDENTAIS NA LÍRICA DE HENRIQUETA LISBOA**

Adriana Levino da Silva Ramos <sup>1</sup>  
Universidade de Brasília

**Resumo:** O presente estudo objetiva destacar aspectos que revelam a sensibilidade lírica de Henriqueta Lisboa, escritora mineira, que transitou entre as vertentes simbolista e modernista e que viveu entre 1901 e 1985, no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. Sua fecunda obra constitui-se de livros de poemas, ensaios, organização de antologias e traduções. Lisboa recebeu inúmeros prêmios, entre os quais destaca-se o “Prêmio Machado de Assis”, pelo conjunto de sua obra, que lhe conferiu a Academia Brasileira de Letras em 1984. Almeja-se demonstrar que a sensibilidade de Henriqueta Lisboa perante as questões sociais e, sobretudo, no tocante às diferenças humanas, em especial, as deficiências – possibilita ao leitor a reflexão a respeito de que as limitações físicas não devem coincidir com as deficiências psíquicas na forma de olhar o outro. Cada ser humano deve valorizar as suas potencialidades e perceber as diferenças com respeito, naturalidade e espírito de solidariedade. Sua aguçada procura no sentido de desvelar os sentidos da trajetória humana, seus enigmas, percalços e desafios conduziram-na a revelar ao leitor sua cosmovisão acerca da transcendência de modo ímpar. Pretende-se, ainda, ressaltar que os seres vivos, inseridos no amplo conjunto a que se denomina humanidade, não são instituídos apenas de matéria, de corpo. Unidades híbridas, entes compostos de elementos díspares, os humanos são formados de uma parte material e de uma parte não-material. Independentemente de crenças de caráter religioso, para se refletir a respeito da transcendência é imprescindível estar convicto de que os seres humanos, devido a sua própria natureza, são capazes de transcender da matéria para o evanescente, do concreto à abstração. Nessa perspectiva, deseja-se que a obra de Henriqueta Lisboa possa aguçar e lançar luzes às habilidades leitoras, a fim de que os enigmas desta escritora possam ser desvelados e se tornem cada vez mais difundidos nos meios em que a poesia deve, sempre, se fazer presente para reencantar corações e incomodar mentes e espíritos os mais diversificados.

**Palavras chave:** Henriqueta Lisboa, poesia, transcendência.

O presente estudo pretende destacar aspectos que revelam a sensibilidade lírica e a significação transcendente na obra de Henriqueta Lisboa, escritora mineira, que transitou entre as vertentes simbolista e modernista e que viveu entre 1901 e 1985, no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. Sua fecunda obra constitui-se de livros de poemas, ensaios, organização de antologias e traduções. Lisboa recebeu inúmeros prêmios, entre os quais destaca-se o “Prêmio Machado de Assis”, pelo conjunto de sua obra, que lhe conferiu a Academia Brasileira de Letras em 1984. Almeja-se, também, que obra de Henriqueta Lisboa possa aguçar e lançar luzes às habilidades leitoras, a fim de que os enigmas desta escritora possam ser desvelados e se tornem cada vez mais difundidos nos meios em que a poesia deve, sempre, se fazer presente para reencantar corações e incomodar mentes e espíritos os mais diversificados.

---

1

Este texto faz parte da minha tese de doutorado defendida em 07/12/12, com o título de *A Poética de Henriqueta Lisboa: Abordagem sob uma perspectiva transcendente*.

## **A SENSIBILIDADE HENRIQUETIANA**

É possível considerar, em um prisma literário, que a sensibilidade possibilita ao sujeito dar vida e movimento às coisas, porque somente a partir desta é que o universo literário poderá ser sentido e, prazerosamente, desfrutado. No momento em que isto ocorre, a imaginação frui e o fictício passa a ter novos contornos advindos de quem o invade por intermédio da leitura.

Blanca Lobo Filho (1973:15) pontua que Henriqueta preocupou-se com questões que sondam o significado da vida de maneira profunda, pois o poeta é dotado de uma especial percepção, que lhe faculta edificar especulações e observações variadas e bastante significativas em pormenores, relativas à existência humana e do viver em geral.

A esse respeito, Blanca Lobo Filho (1973:53) declara que para Henriqueta Lisboa a humanidade representa o perfeito ápice da natureza, visto que a humanidade mantém-se lado a lado com todas as outras criaturas. Lisboa compara a energia do ser humano com a força que pode ser encontrada em toda a criação natural.

É possível identificar por meio de sua lírica, que Henriqueta Lisboa revela sua sensibilidade em variados campos e temáticas. Na obra *Azul Profundo* (1950-1955) a poeta explora alguns poemas que, pelo título, nos remetem a uma multiplicidade imagética, bem como à sua aguçada percepção diante das diferenças e anomalias que o ser humano carrega. São eles: “Do Idiota”, “Do Mutilado”, “Do Cego”, “Do Surdo”.

A respeito do poema “Do Idiota”, convém lembrar que, no início do século XX, as deficiências físicas e mentais eram motivos de vergonha para as famílias. Os portadores de tais anomalias costumavam ficar reclusos, com pouquíssimo contato social. A discriminação era enorme e não havia, como existem na atualidade, as escolas especiais, as recentes instituições inclusivas que buscam a socialização e a integração desses indivíduos à sociedade de modo harmônico, consciente, fraterno.

Na época da escritura do poema, Lisboa parece denunciar o descaso a que tais sujeitos eram relegados. Passavam despercebidos, da infância à fase adulta, para a maioria que os cercava, seus olhares, suas necessidades.

*Os olhos são da infância, os mesmos:  
lagos com reflexos de arco-íris.  
Luas crescentes de surpresa  
pelos vergéis que iluminam.*

Embora a serenidade e o brilho no olhar, o denominado idiota, com sua rotina imperceptível para muitos, dia após dia, segue sua triste sina, desprovida de visibilidade.

*As mãos ignoram que profundas  
garras possui a carícia.  
Como pesaria uma pluma  
sobre o espírito!*

As ausências de carinho, afeto, ternura são notórias nesta estrofe. O desconhecimento da afabilidade e da doçura – que costumam caracterizar as relações afetivas – sobretudo as familiares, no caso em questão, as garras, metaforicamente, as mãos, inúmeras vezes são utilizadas para defesa de maus tratos, do mesmo modo que a leveza da pluma, ou seja, a afetividade se transformaria em pesado fardo sobre o espírito carente.

A última estrofe concita o leitor a refletir a respeito do canto triste, que não é escutado, mas que pode atingir outros mundos, outros seres, a fim de que o “idiota” se liberte da prisão a que fora destinado e que sua voz possa alcançar aqueles que têm ouvidos para ouvir.

*A que imprevisíveis mundos  
poderá conduzir,  
pássaro nas grades, a tua  
música para viboras!*

(Azul profundo, p.248)

Em sintonia com as questões acima mencionadas, no poema “Do mutilado” é possível destacar a sensibilidade henriquetiana em mais uma questão social que muito a incomodava.

*Quando alta noite insone  
pensas na parte de ti mesmo  
que a teu corpo já não pertence  
- perna que jaz apodrecida  
do outro lado do oceano –*

*acaso não te sentes premido  
pela nostalgia das valas  
onde - parcela de retardatário –  
sufocadamente lateja  
o teu monturo de carne  
à espera de contemplação?...*

(Azul profundo, p. 249)

O eu lírico se coloca no lugar do ser humano que teve parte do corpo mutilado e que passa noites a pensar no ocorrido, no horror da mutilação, nas dificuldades para se locomover, uma vez que fora a perna, membro essencial para ir e vir. Outro aspecto que perpassa o imaginário do leitor é o adjetivo apodrecida. Na época, poderia ser a hanseníase, o diabetes, um acidente, ou ainda alguma doença desconhecida que levara à retirada do membro e que provavelmente fora lançado ao mar.

O poema finda com um questionamento do eu lírico bastante real, não só para o mutilado, contudo, para todos nós mortais: a opressão que cada homem costuma sentir ao pensar na morte, nos seus despojos que serão devorados pelos vermes. De matéria nada mais restará. Somente a contemplação dos entes que se lembrarem do ser que partiu. Uma vez mais, Henriqueta, do modo conciso que lhe é característico, faculta ao leitor repensar sua existência e a do próximo.

## **RÁPIDAS REFLEXÕES ACERCA DE TRANSCENDÊNCIA**

A transcendência é um termo filosófico que pode conduzir a distintas, todavia interrelacionadas, definições. Todas elas tiveram origem na raiz latina “ascender” que significa “ir além”: são características denominadas *transcendentais, de unidade, verdade e bondade*.

Transcendência, enquanto capacidade de ultrapassar os limites do mundo concreto, admite a flexão adjetiva em transcendental, ou seja, que pode ser atribuído a entidades de diferentes naturezas. Disso advém a possibilidade de se cogitar uma transcendência filosófica – a faculdade de chegar ou ultrapassar algum conceito ou limite filosófico, bem como uma transcendência religiosa. – conceito a partir do qual Deus pode estar próximo ou muito distante de determinado sujeito.

Immanuel Kant<sup>2</sup> deu ao vocábulo *transcendental* uma significação inovadora, se comparada

---

<sup>2</sup> Considerado o pensador mais influente dos tempos modernos, nasceu em Königsberg, atual Kaliningrado. Publicou em 1781 a *Crítica da Razão Pura*, obra que abriu espaço para a modernidade e que traz implicações para a metafísica, a epistemologia e a ética e que procura responder à questão: O que eu posso saber? Kant faz uma distinção entre os vocábulos transcendental e transcendente, da seguinte forma: o primeiro alude ao que torna possível o conhecimento da

ao que vinha sendo estudado até então, porque, em sua teoria do conhecimento, encontrava-se preocupado com as possibilidades condicionais do próprio conhecimento. Deu à doutrina por ele fundada no século XVIII o nome de *idealismo transcendental*.

Para ele, transcendência abarca o conhecimento acerca da nossa faculdade cognitiva com referência aos objetos. Kant entende por transcendental todo o conhecimento que, em geral, se ocupa menos do objeto do que do nosso modo de conhecer, na medida em que este deve ser possível *a priori*. O método kantiano é essencialmente o da crítica, ou seja, o da análise reflexiva, que consiste em levar o conhecimento às origens, às condições que o tornam legítimo. A expressão *a priori* deve ser entendida como o conjunto de juízos necessários e universais, visto que são independentes dos azares da experiência, costumeiramente particular e contingente.

Na perspectiva de Kant, os juízos *a priori* são juízos analíticos, cujos predicados estão contidos nos sujeitos. O juízo fornece a matriz para toda a filosofia kantiana. O “eu penso” é a unidade transcendental originária e suprema da autoconsciência, é que permite a ocorrência do juízo.

As categorias espaço e tempo são quadros *a priori*; logo, necessários e universais nos estudos de Kant. Cabe destacar que este filósofo desvela tais ideias na primeira parte da *Crítica da Razão Pura*, denominada *Estética transcendental*. Estética diz respeito à teoria da percepção, enquanto transcendental significa *a priori*, isto é, simultaneamente anterior à experiência e condição da experiência. Assim, espaço e tempo são quadros *a priori* do espírito, nos quais a experiência vem se depositar.

A experiência nos oportuniza a matéria do conhecimento. Todavia, é o espírito que disponibiliza a experiência em seu quadro espaço-temporal e imprime-lhe ordem e coerência por meio de suas categorias. Neste sentido, Kant<sup>3</sup> assevera que: “O conhecimento não é o reflexo do objeto exterior. É o próprio espírito humano que constrói – com dados do conhecimento sensível – o objeto do seu saber.” Kant reforça a necessidade de colocação da Estética dentro da Filosofia, ou seja, da associação da ética e da moral com a estética resulta o belo.

---

experiência; o segundo refere-se ao que se encontra mais além de toda a experiência.

3 [www.mundodosfilosofos.com.br/Kant.htm](http://www.mundodosfilosofos.com.br/Kant.htm). Acesso em abril de 2011.

## A SIGNIFICAÇÃO TRANSCEDENTE<sup>4</sup> NA LÍRICA DE HENRIQUETA LISBOA

Os poemas que oportunizam uma leitura analítico-crítica sob este viés estão relacionados à natureza, ao amor, à felicidade, à religiosidade, à morte, à ânsia por transcendência.

Vejamos alguns poemas que ilustram tais considerações:

### Valor

*Eu quero a vida mais cálida,  
mais incisiva, mais densa,  
para um esforço maior.*

*Quero a realidade lúcida  
de provações e misérias  
para então me engrandecer.*

*Quero o veneno das áspides,  
a vertigem dos abismos,  
para me purificar.*

*Quero um tumulto de máscaras  
nos labirintos da treva,  
para ver claro o meu ser.*

*Quero as tempestades lívidas  
em que me perca no oceano,  
para mais longe me achar.*

*Quero nas plagas anônimas  
deixar marca de meus joelhos,  
para subir ao Tabor.*

*Quero acender minha lâmpada  
nas profundezas da terra,  
para os céus iluminar.*

(Velário, p. 29 e 30)

Este poema integra a segunda obra publicada por Henriqueta, *Velário* (1930-1935) na qual Lisboa desvela seu pendor para a poesia simbolista francesa. Seu tom agora é interior e seu poeitar se transfigura, torna-se mais velado, íntimo.

---

<sup>4</sup> São breves reflexões teóricas relativas à transcendência, colhidas em variada bibliografia, como parte de uma pesquisa, que antecedem à leitura de poemas sob esse viés.

Valor revela um ardente desejo do eu poético de viver intensamente. Para tanto, deseja uma existência ardente, apaixonante com a realidade lúcida de provações e misérias a que todo o ser humano está sujeito com o intuito de se engrandecer, purificar, encontrar, de transcender. Pela riqueza imagética, com a presença de antíteses, metáforas, anáforas, seja por intermédio do jogo de luz e sombra, seja ainda celebrando os quatro elementos míticos da natureza – terra, água, ar e fogo –, o anseio transcendente se presentifica. Em consonância com o poema analisado, vale destacar que há outros que se irmanam com o tema explorado. São eles: Vida breve, Hora eterna. (Vide *Henriqueta Lisboa: Obras Completas I Poesia Geral*, 1985).

O poema abaixo, que compõe a obra *A face lívida* (1941-1945), escrita durante a guerra e dedicada à memória de Mário de Andrade, revela que Lisboa havia adotado o Modernismo e suas inovações técnicas. Nesta obra, a poeta analisa certos conflitos de ideias, rejeita a injustiça, rebelase contra a ignorância, o pessimismo e o caótico estado do mundo. Em sua batalha, aponta para os valores espirituais. Seus versos são impetuosos e denotam um começo de um realismo em sua produção. Todavia, o tom é frequentemente lírico e simbólico.

Longas caminhadas

*Longas caminhadas  
pela terra em fogo.  
Soalheira que estua  
ladeiras abuptas.  
Rosto decomposto  
latejar de tēmporas.  
Longas caminhadas,  
perdi-me no tempo.*

*Não sei por onde ando.  
Por onde? Pergunto.  
Longas caminhadas,  
resposta nenhuma.*

*Longas caminhadas,  
solidão incômoda.  
Quero vida em torno,  
preciso de estímulo!  
Cabeça de criança  
para acariciar.  
Passos arrastados  
para conduzir.  
Mocidade louca*

*Universidade Estadual de Goiás – UEG*  
*Unidade Universitária de Formosa*  
*VI Congresso Latino Americano de Compreensão Leitora - 4, 5 e 6 de setembro de 2013*  
*sim, para invejar.*

*Longas caminhadas,  
tenho os nervos gastos.  
Ruas e mais ruas,  
labirintos rudes,  
onde a cada instante  
se esbarram esquinas.  
Praias rumorosas  
sem nenhum descanso,  
vagas em revolta.  
Árvores em marcha,  
fios telegráficos.  
Estradas de ferro  
levando sem trégua  
para outras estâncias  
a áspera certeza  
de que nada existe.*

*A áspera certeza  
de que nada existe  
senão a esperança  
e a desesperança  
de outras caminhadas...*

*de outras caminhadas...*

*de outras caminhadas  
para o nunca mais.*

*(A face lívida, p.139-141)*

Poema confessional, o eu poético se declara perdido no tempo: *Longas caminhadas, perdi-me no tempo. / Não sei por onde ando. / Por onde? Pergunto. / Longas caminhadas, / resposta nenhuma* (v. 7-12). Ignora por onde anda; sabe, contudo, que tem caminhado e muito. Traz consigo uma áspera certeza transcendente, de que existem outras paragens: */A áspera certeza/ de que nada existe / senão a esperança / e a desesperança / de outras caminhadas.../ de outras caminhadas.../ de outras caminhadas / para o nunca mais* (v. 39-46).

Pode-se inferir que o poema trata de uma sutil abordagem de um espírito a vagar; logo, verifica-se, por meio dos versos ao longo de todo o poema, a ânsia por descortinar outras dimensões e a travessia que a elas conduzem, com seus percalços, desafios, que caracterizam a possibilidade transcendental para os mortais. É oportuno mencionar que os poemas Jardim celeste, Os lírios, A ilha dos mortos, Imagem, Ressonância. (Vide *Henriqueta Lisboa: Obras Completas I Poesia Geral*,

1985) corroboram com as afirmativas supracitadas.

Por fim, para encerrarmos, por hora, as reflexões a que nos propusemos, apresentamos um fragmento de cada um dos poemas a seguir, extraídos da obra *O alvo humano* (1963-1969) em que a poeta explora imagens e temas ligados ao autoconhecimento, à perspectiva do olhar, à passagem temporal, à efemeridade da vida, à travessia para outras paragens, à transcendência, enfim, tão almejada pelo eu lírico.

Espacial

*Mas um dia (quando?)  
rumo vertical  
transcendentemente  
subirá nos ares  
a estruturação exata  
solidária e fiel  
não apenas dócil  
nem jamais rebelde  
por escravidão  
não vil instrumento  
mas primeiro agente  
por geminação  
decifrada esfinge  
túnica inconsútil  
não engenho mas  
livre e puro vôo  
diretriz e instinto  
complemento do homem  
parte do seu todo.*

(O alvo humano, p. 389)

Em o fragmento é possível constatar a reflexão do eu poético a respeito da criação, de sua existência e pequenez diante do Criador e sua obra. Questiona e assinala que num dia indeterminado, para além das fronteiras do tempo e espaço, de modo transcendente, decifrados os enigmas, purificado, livre, o espírito humano alçará o puro voo.

Em sintonia com o acima mencionado, liga-se outro poema, do qual apresentamos a última estrofe:

Os estágios

*Aleluia. Talvez exista um novo reino  
para muito além das fronteiras  
do mineral, do vegetal, do animal.  
Talvez a desaguar do oceano  
salpicada de primevas espumas  
outra aurora se faça. Talvez.  
Aleluia por esse talvez. Aleluia.*

(O alvo humano, p.383)

O eu poético pondera acerca dos três reinos: mineral, vegetal, animal e almeja a existência de um outro, novo reino: seria o hominal/espiritual. E rende graças por esta feliz possibilidade. Eis aqui, mais uma vez, a presença marcante da transcendência ardentemente almejada pela poeta ao longo de sua obra.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Após as análises, é possível inferir que a sensibilidade de Henriqueta Lisboa – perante as questões sociais e, sobretudo, no tocante às diferenças humanas, em especial, as deficiências – possibilita ao leitor a reflexão a respeito de que as limitações físicas não devem coincidir com as deficiências psíquicas na forma de olhar o outro. Cada ser humano deve valorizar as suas potencialidades e perceber as diferenças com respeito, naturalidade e espírito de solidariedade. E ainda, sua aguçada procura no sentido de desvelar os sentidos da trajetória humana, seus enigmas, percalços e desafios conduziram-na a revelar ao leitor sua mundividência a respeito da transcendência de modo singular.

Assim, cabe ressaltar que os seres vivos, inseridos no amplo conjunto a que se denomina humanidade, não são instituídos apenas de matéria, de corpo. Unidades híbridas, entes compostos de elementos díspares, os humanos são formados de uma parte material e de uma parte não-material. Independentemente de crenças de caráter religioso, para se refletir a respeito da transcendência é imprescindível estar convicto de que os seres humanos, devido a sua própria natureza, são capazes de transcender da matéria para o evanescente, do concreto à abstração.

Espera-se que os objetivos a que nos propusemos tenham sido alcançados e que a obra de Henriqueta Lisboa com seus ecos transcendentais se faça presente na trajetória de muitos leitores, visto que o seu esforço por definir o homem, não se reduz a indicar limites, mas a alargar os limites

## REFERENCIAS:

BERNIS, Yeda Prates. Depoimento. In *Presença de Henriqueta*. (Org.) CARVALHO, Abigail de Oliveira. SOUZA, Eneida Maria de. MIRANDA, Wander Melo. Rio de Janeiro: José Olympio-1992.p.12 – 14. Textos de vários autores, apresentados durante a Semana Henriqueta Lisboa patrocinada pela Faculdade de Letras UFMG.

FILHO, Blanca Lobo. *A poesia de Emily Dickinson e de Henriqueta Lisboa*. Tradução de Oscar Mendes. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1973.

\_\_\_\_\_. *Interpretação da lírica de Henriqueta Lisboa*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1965.

\_\_\_\_\_. *A Poesia de Henriqueta Lisboa*. Tradução de Oscar Mendes. Belo Horizonte: Edições Movimento-Perspectiva/ Governo do Estado de Minas Gerais, 1966.p.16.

LEÃO, Ângela Vaz. Henriqueta de Minas, Minas de Henriqueta. *Henriqueta Lisboa: o mistério da criação poética*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.

LISBOA, Henriqueta. *Lírica* (obra poética reunida). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1958.

\_\_\_\_\_. *Obras completas: I Poesia Geral (1929-1983)*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1985.

RANGEL, Pascoal. *Essa Mineiríssima Henriqueta*; ensaio de interpretação da obra poética de Henriqueta Lisboa. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1987.

UNA Minas – Revista-julho de 2001, nº15, p.17 -UNA Editoria- Belo Horizonte MG - Os cem anos da poetisa Henriqueta Lisboa - Marisa Cardoso.

## SITES CONSULTADOS:

[www.mundodosfilosofos.com.br/Kant.htm](http://www.mundodosfilosofos.com.br/Kant.htm). Acesso em abril de 2011.

DUARTE, Constância Lima. *Henriqueta Lisboa – uma biografia intelectual*.

<<http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigos/henriqueta.html>. Acesso em 14 de junho de 2010.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Trad. de Antonio Pinto de Carvalho. Cia Ed. Nacional.

<http://www.consciencia.org/kantfundamentacao.shtml> .Acesso em março de 2011.

LUCAS, Fábio. *A lírica de Henriqueta Lisboa*.

<<http://www.letras.ufmg.br/henriquetalisboa>> . Acesso em junho de 2010.